

O MUNDO DA SAÚDE



APOIOS:





ENQUADRAMENTO

SAÚDE É MOTOR DA ECONOMIA

TEMOS ASSISTIDO A UM CRESCIMENTO SUSTENTADO DO SECTOR, DADOS REFORÇAM O PESO DA SAÚDE NA ECONOMIA NACIONAL



A

s exportações em Saúde cresceram 35% em 2022, atingindo os 2.400 milhões de euros, considerado pelo Health Cluster Portugal uma prova de um “sector resiliente e consistente que tem vindo a crescer na última década”. A entidade, citando dados da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal (AICEP) e tendo como fonte o Instituto Nacional de Estatística (INE), assinalou que “as exportações em saúde cresceram, em 2022, 35% e as importações, 15%, em contraciclo com a balança comercial portuguesa cujas exportações aumentaram 23%, mas as importações 31,2%”.

Segundo a mesma entidade, os valores de crescimento da Saúde “estão fortemente alicerçados nas preparações farmacêuticas que aumentaram 48%”. “Estes dados reforçam o peso da saúde na economia nacional e reflectem o esforço que tem sido feito pelas diferentes entidades no sentido de consolidar a presença de Portugal nos mercados externos”, acrescenta o Health Cluster Portugal.

O presidente da associação, Guy Villax, considerou que o sector “dá cartas nos mercados externos mais

exigentes”, não obstante ser, na sua opinião, “fustigado por políticas públicas que não reconhecem o seu valor económico” e que impõem preços que descem há dez anos.

Dados do Health Cluster Portugal, uma associação privada sem fins lucrativos que reúne actualmente mais de 220 associados em Portugal, referem que a Saúde “representa um volume de negócios anual na ordem dos 34 mil milhões de euros e um valor acrescentado bruto de cerca de 12 mil milhões, envolvendo perto de 105 mil empresas e empregando quase 400 mil pessoas”.

TECNOLOGIA

A Organização Mundial da Saúde (OMS) lançou um relatório com as directrizes sobre a ética na utilização da Inteligência Artificial na Saúde. A entidade definiu como Inteligência Artificial (IA) “o sistema tecnológico que, depois

de ser abastecido com informações e objectivos definidos por seres humanos, seja capaz de fazer previsões, recomendações e tomar decisões que influenciem ambientes reais ou virtuais, com diferentes graus de autonomia”.

O relatório “Ethics and governance of artificial intelligence for health” é fruto de um trabalho desenvolvido durante 18 meses por especialistas de diversas áreas, como Direito, Tecnologia Digital, entre outras. “Como todas as novas tecnologias, a IA possui um enorme potencial para melhorar a saúde de milhões de pessoas em todo o mundo, mas também pode ser mal utilizada e causar danos”, afirmou Tedros Adhanom Ghebreyesus, director-geral da OMS. “Este novo relatório fornece um guia valioso para os países sobre como maximizar os benefícios da IA, minimizando os seus riscos”. ●

MULTICARE

FIDELIDADE



FELICIDADE PARA CUIDAR

Há uma Multicare para ti, para si e para todos.
Porque só se chega a nº1 quando todos contam, em todas as idades, a vida toda. Uma vida com melhor saúde, mais bem-estar e um acompanhamento próximo. Uma saúde duradoura protege-se todos os dias.

MULTICARE PARA TODAS AS IDADES

multicare.pt



Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. - NIPC e Matrícula 500 918 880, na CRC Lisboa - Sede: Largo do Calhariz, 30 1249-001 Lisboa - Portugal
Capital Social EUR 509.263.524, registada na ASF sob nº1011. Apoio ao Cliente: Dias úteis das 9h às 20h. Assistência: todos os dias 24h/dia - T. 217 94 88 80
(chamada para a rede fixa nacional). E. apoiocliente@multicare.pt . www.multicare.pt



ESPECIAL
O MUNDO DA SAÚDE

GENERIS - GESTÃO DA SAÚDE

AS MELHORES SOLUÇÕES TERAPÊUTICAS

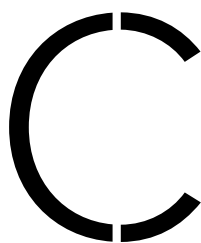
O SECTOR FARMACÊUTICO DE GENÉRICOS É ESSENCIAL PARA A SAÚDE DOS PORTUGUESES, UMA VEZ QUE GARANTE UM MAIOR ACESSO A SOLUÇÕES TERAPÊUTICAS DE INQUESTIONÁVEL QUALIDADE, SEGURANÇA E EFICÁCIA





PIONEIRA

A GENERIS FOI PIONEIRA NO MERCADO E DESDE CEDO APOSTOU NUM REFORÇO DO SEU PORTEFÓLIO, PROCURANDO RESPONDER OU ANTECIPAR CADA VEZ MAIS OS DESAFIOS QUE SE NOS COLOCAM



Criada em 2002, a Generis® rapidamente se tornou uma empresa líder em Portugal no mercado de medicamentos genéricos. Em 2006, adquire a sua primeira instalação fabril, com o objetivo de implementar uma estratégia de crescimento sólida e sustentada. Hoje, a Generis® faz parte do Grupo Aurobindo, presente em mais de 20 países, verticalmente integrado desde a I&D à comercialização. O Grupo detém 26 fábricas com os mais recentes equipamentos e exporta para mais de 150 países. O trabalho diário da Generis passa por reforçar a liderança no mercado nacional, em número de pacientes tratados, para que possa continuar a ser vista como uma referência no panorama industrial, consolidando a nossa posição enquanto parceiro de confiança no sector farmacêutico.

Criada em 2003, a Generis® rapidamente se tornou uma empresa líder em Portugal no mercado de medicamentos genéricos. Qual é a vossa principal missão?

A Generis, tendo em conta o seu percurso e experiências de mais de vinte anos, bem como a missão do seu acionista, Aurobindo, pauta-se pelo compromisso de produzir e disponibilizar as melhores soluções terapêuticas, acessíveis a todos os pacientes, garantindo sempre os mais elevados padrões de qualidade.

O que o sector farmacêutico de medicamentos genéricos pode trazer para a saúde dos portugueses?

O sector farmacêutico de genéricos é essencial para a saúde dos portugueses, uma vez que garante um maior acesso a soluções terapêuticas de inquestionável qualidade, eficácia e segurança. A inovação própria do sector permite o tratamento das mais diversas doenças ou, pelo menos, permite que o seu efeito seja atenuado. No caso concreto dos medicamentos fora de patente, juntam-se ainda duas questões essenciais: o acesso de mais pessoas a tratamentos, uma vez que o custo pode ser mais baixo, e esse preço mais baixo ser decisivo para a sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde.



» Luis Abrantes,
CEO da Generis

O NOSSO TRABALHO DIÁRIO PASSA POR REFORÇAR A LIDERANÇA NO MERCADO NACIONAL, EM NÚMERO DE PACIENTES TRATADOS, PARA QUE POSSAMOS CONTINUAR A SER VISTOS COMO UMA REFERÊNCIA NO PANORAMA INDUSTRIAL

Qual a estratégia da Generis para o mercado português e o sector da Saúde em Portugal?

O nosso trabalho diário passa por reforçar a liderança no mercado nacional, em número de pacientes tratados, para que possamos continuar a ser vistos como uma referência no panorama industrial, consolidando a nossa posição

enquanto parceiro de confiança no sector farmacêutico.

As alterações profundas na nossa pirâmide demográfica, com o envelhecimento da população vai obrigar a desenvolver soluções sustentáveis. Como é que a empresa olha para este problema?

A acentuada crise demográfica



ACREDITAMOS QUE UMA EMPRESA, SOBRETUDO NA ÁREA DA SAÚDE, NÃO SE PODE MANTER ACTUAL E RELEVANTE SEM QUE APOSTE NA ÁREA DE INOVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

no nosso País, com consequente inversão da pirâmide, coloca uma maior pressão na disponibilidade do medicamento. Encaramos este desafio com responsabilidade perante as oportunidades nos são colocadas, uma vez que somos um dos maiores fornecedores do SNS e das farmácias. Tudo faremos para continuar a ter um papel relevante na cadeia de fornecimento.

A inovação e desenvolvimento é também uma das grandes preocupações da empresa?

Sem dúvida. A inovação e de-

seenvolvimento não se resumem à indústria de originais. Trazer um genérico ou biossimilar para o mercado, envolve um trabalho prévio de muitos anos, que só players com dimensão e ambição conseguem assegurar. Acreditamos que uma empresa, sobretudo na área da saúde, não se pode manter actual e relevante sem que aposte na área de inovação e desenvolvimento. Nascemos como uma empresa inovadora e pioneira e agora, mesmo tendo uma posição consolidada no mercado, mantemos essa mentalidade, que aplicamos no nosso dia a dia. A Generis foi

pioneira no mercado e desde cedo apostou num reforço do seu portefólio, procurando responder ou antecipar cada vez mais os desafios que se nos colocam.

Que serviços inovadores gostariam de destacar?

O nosso serviço inovador é a busca constante pela entrega de novos medicamentos genéricos e biossimilares para o mercado. O processo de criação deste tipo de medicamentos é complexo e árduo. Ao contrário do que se possa pensar não há soluções terapêuticas “copy paste”.

No sector da Saúde, quais os principais investimentos e prioridades para 2023?

Os investimentos e prioridades são a continuidade nas nossas atividades, de dia a dia, de produção e fornecimento de medicamentos, bem como a aposta constante em inovação e desenvolvimento.

Na vossa opinião, como será o futuro da Saúde?

Acontecimentos recentes, como a pandemia, fizeram-nos entender que os planos, visões e tendências podem mudar rapidamente. Não sabemos qual é exactamente o futuro da saúde, apesar de conhecermos tendências, como a medicina personalizada ou a importância crescente da inteligência artificial, mas acreditamos que faremos parte desse futuro, graças à nossa mentalidade e forma de trabalhar, assente na inovação e centrada nas necessidades dos pacientes. ●

Em primeiro lugar, obrigado.

Estamos a celebrar vinte anos de vida.
Mas, antes de tudo, temos muito a agradecer.

Temos de agradecer a quem esteve do nosso lado, ao longo
dessas décadas, a cuidar de cada pormenor na produção
dos nossos medicamentos.

A quem esteve connosco, desde o começo, ajudando a lançar
e a consolidar a presença dos genéricos no nosso país.

E, acima de tudo, agradecer ao país.

Porque foram os portugueses que nos colocaram
no lugar onde estamos hoje.

Somos a empresa que mais pessoas
trata em Portugal.

Talvez seja por isso que os portugueses
nos tratam tão bem.

Obrigado, Portugal.



Saúde em primeiro





JABA RECORDATI

«A SAÚDE ACRESCENTA VALOR ÀS PESSOAS E À ECONOMIA DE UM PAÍS»

A EUROPA PRECISA DE INOVAÇÃO NO MEDICAMENTO COMO FACTOR CRUCIAL PARA ESTE CONTINENTE CONTINUAR A TER UM PAPEL RELEVANTE



Este é o momento-chave para repensar uma estratégia para o sector farmacêutico, sem perder de vista o impacto essencial desta na reindustrialização da Europa. Em entrevista à Executive Digest, o CEO da Jaba Recordati Portugal, Nelson Pires, aborda temas como a proposta de revisão da Legislação Farmacêutica na UE, inovação e o papel da Saúde na edificação de uma nova Europa.

A Comissão Europeia apresentou no final de Abril uma proposta de revisão da Legislação Farmacêutica na UE. Qual a sua opinião sobre esta nova estratégia?

Entendo que é um retrocesso gigantesco e um paradoxo brutal face às intenções demonstrada pela UE de reindustrializar a Europa ao nível do fabrico de medicamentos para que a saúde

pública não continue dependente de cadeias logísticas offshore e de mercados como a Índia e a China. As propostas da Comissão vão agora ser analisadas e debatidas pelo Parlamento Europeu e pelo Conselho. Espero que pelo menos nestes órgãos haja o bom senso. É o momento-chave para repensar esta falta de estratégia, sem perder de vista o impacto essencial



SAÚDE

EM PORTUGAL, OS MEDICAMENTOS DESDE 1990 EVITARAM MAIS DE 110 MIL MORTES. E CONTRIBUÍRAM PARA O AUMENTO DA ESPERANÇA MÉDIA DE VIDA EM 10 ANOS. PARA ALÉM DA VIDA DAS PESSOAS TEM UM PAPEL FUNDAMENTAL NA ECONOMIA DUM PAÍS



RECORDATI

da Indústria Farmacêutica na reindustrialização da Europa.

Considera que esta nova legislação penaliza a Europa?

Esta reforma há muito que é aguardada. Todas as partes interessadas – legisladores, associações de doentes, indústria farmacêutica – estão de acordo quanto à necessidade de proporcionar aos europeus um acesso mais rápido e equitativo aos medicamentos e à inovação terapêutica. Para o conseguir, é essencial que sejam criadas condições dentro do espaço europeu para que a indústria farmacêutica aumente a produção na UE, assegure a disponibilidade de fármacos e recupere um papel cimeiro na inovação. Infelizmente, não foram nesse sentido os sinais dados pela proposta apresentada. A I&D será direccionada para os mercados emergentes onde é mais eficiente e menos oneroso, assim como lançar os medicamentos inovadores apenas nos EUA e Japão. Os dois maiores mercados mundiais, que defendem os direitos da propriedade intelectual e o real valor dos medicamentos. A Europa pode não permitir atingir o break-even pelo investimento feito. E se isso acontecer acabam as empresas, mas também os empregos, os impostos, os postos de trabalho e os medicamentos inovadores que aumentaram a esperança média de vida em algumas décadas no século XX, permitindo envelhecer de forma saudável!

E em relação à indústria inovadora?

Há 20 anos, a Europa tinha iniciado a sua trajectória de perda



» Nelson Pires, CEO da Jaba Recordati Portugal

da liderança da inovação farmacêutica mundial. Por isso há 25 anos, 50% dos novos tratamentos tinham origem na Europa, percentagem que actualmente ronda os 20%. Porque a disparidade de investimento entre os EUA e a UE na I&D farmacêutica, há 20 anos era de dois mil milhões de euros e agora é de 25 mil milhões de euros. O fosso aumentou mil por cento. Ao longo das décadas, a Europa foi perdendo e deslocando parte da sua indústria e está hoje dependente de mercados offshore como os da Índia ou da China. Durante a pandemia per-

cebemos bem as consequências dessa opção. Para descobrir um medicamento inovador que salva e prolonga com qualidade as vidas dos doentes, há cinco a dez mil que ficam pelo caminho e em média, são precisos 15 anos para introduzir um novo medicamento no mercado e mil milhões de euros de investimento. Esta legislação terá portanto um efeito inibidor na atractividade da investigação, desenvolvimento e disponibilização no acesso da população a novos medicamentos. A Europa já tem preços baixíssimos e um mosaico de sistemas regulamentares que faz com que os doentes em Portugal tenham acesso apenas dois anos depois do primeiro país da Europa a aprovar. Mas que os Europeus tenham acesso dois a três anos depois dos Americanos. E não se trata de exigência farmacoeconómica mas apenas burocracia, discricionariedade e desorganização.

Na sua opinião, o que pode e deve ser melhorado nesta proposta de revisão?

Quando optam por centrar a nova estratégia farmacêutica na redução do período de protecção da propriedade industrial de oito para seis anos, técnicos e decisores europeus revelam desconhecimento quanto à economia do medicamento e quanto às regras básicas de gestão. A nova legislação penaliza também a Indústria inovadora sempre que um

! É O MOMENTO-CHAVE PARA REPENSAR ESTA FALTA DE ESTRATÉGIA, SEM PERDER DE VISTA O IMPACTO ESSENCIAL DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA NA REINDUSTRIALIZAÇÃO DA EUROPA



medicamento não esteja disponível «em todos os mercados da UE dois anos após a autorização de comercialização». Esquece, porém, que alcançar esta meta não depende da indústria farmacêutica, mas de um sistema complexo e imprevisível a cargo de cada um dos 27 Estados-Membros. Portanto passa por eliminar estas duas propostas de imediato. Sob pena de deixarmos de ter produtos inovadores para os doentes Europeus.

Como é que as companhias farmacêuticas podem ser inovadoras?

Os negócios precisam de confiança, a manutenção da estabilidade, a previsibilidade legislativa e a protecção da propriedade industrial são o maior garante de investimento em inovação e desenvolvimento. Se os responsáveis europeus nada fizerem, este continuará a ser desviado para países que oferecem condições favoráveis de forma mais eficiente, ética e menos onerosa. Para além disso, celeridade no processo de aprovação de ensaios clínicos e aprovação de preços que reflectam o real valor da inovação. Mesmo novos modelos de financiamento propostos pela Indústria farmacêutica (como o “pay per performance”). O que não acontece na Europa e muito menos em Portugal.

Considera que a saúde terá um papel crucial na edificação de uma nova Europa?

Claro que sim, não só apenas pelo interesse dos cidadãos, mas também do ponto de vista económico. Em Portugal, os medicamen-

tos desde 1990 evitaram mais de 110 mil mortes. E contribuíram para o aumento da esperança média de vida em 10 anos. Para além da vida das pessoas tem um papel fundamental na economia dum país. Só em Portugal são oito mil postos de trabalho directo e 40 mil indirectos. 85 milhões de euros anuais em I&D (que podiam ser 300m€ ou 400m€, como na Bélgica). Neste momento exporta 1.5 mil milhões de euros

AO LONGO DAS DÉCADAS, A EUROPA FOI PERDENDO E DESLOCALIZANDO PARTE DA SUA INDÚSTRIA E ESTÁ HOJE DEPENDENTE DE MERCADOS OFFSHORE COMO OS DA ÍNDIA OU DA CHINA

(mais do que o vinho) e contribui com 1.7 mil milhões de produção. Portanto, a saúde acrescenta valor às pessoas e à economia de um país. A Europa precisa de inovação no medicamento como factor crucial para este continente continuar a ter um papel relevante!

Na sua visão, como será o futuro da indústria farmacêutica?

Preocupante. Em 1980, a produção industrial representava 27% do PIB Português, agora representa

12%. Exortamos a nossa capacidade industrial e a capacidade de inovar como vimos anteriormente. Os baixos preços e o desrespeito pela propriedade intelectual vai afastar este continente Europeu da posição “charneira” que já teve.

Quais são os desafios do setor Farmacêutico, em tempos de grandes mudanças?

Julgo que a estabilidade legislativa; a manutenção de talento; a competitividade fiscal; o apoio à inovação; a literacia; a transição digital do sistema de saúde; a integração do serviço público, privado e social criando um sistema e não um serviço de saúde; a transparência e rapidez na aprovação da inovação e acessibilidade a todos os cidadãos. Portugal ainda tem uma oportunidade única de dinamizar o mercado de estudos clínicos que geram milhões de euros, como a Bélgica. E, com isso, proporcionar aos doentes acesso a medicamentos inovadores a custo zero. Por outro lado, Portugal tem a oportunidade única na IF de produzir os pequenos lotes para a Europa (até são grandes em Portugal) e especializar-se neste segmento, tornando-se no único fornecedor europeu. Assim como no fabrico de medicamentos biossimilares de elevado valor acrescentado. São muito os desafios para Portugal e para a Europa, mas Portugal tem uma oportunidade única de ser o país “near-shore” que aproveita o fim da globalização que está a acontecer no mundo! ●

ASSINE JÁ

ASSINATURAS.GREENSAVERS.PT

1 ANO

ASSINATURA DIGITAL

€9

VERSÃO EM PAPEL

€13,90

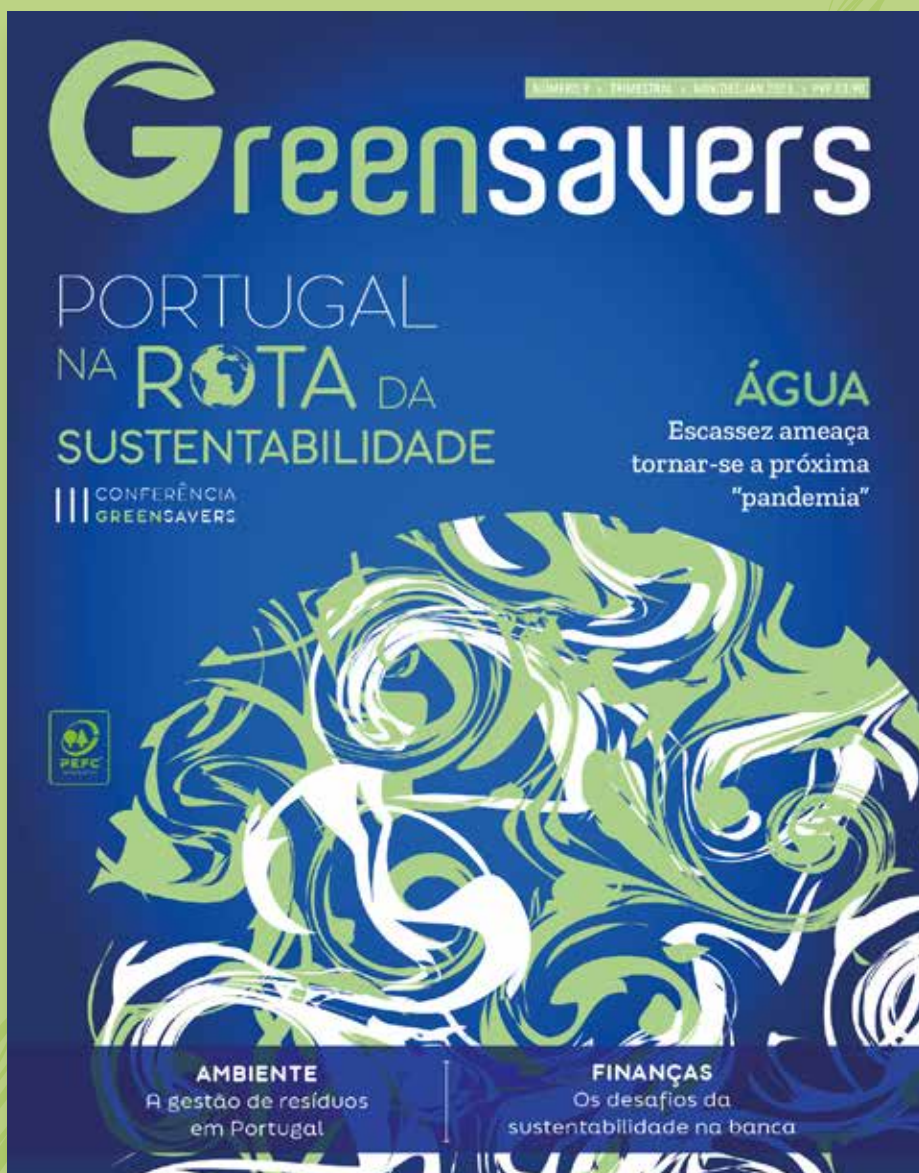
2 ANOS

ASSINATURA DIGITAL

€17,10

VERSÃO EM PAPEL

€26,60



NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO DA GREEN SAVERS

Das empresas aos cidadãos, acompanhamos o impacto das nossas ações para o Planeta. Analisamos a sustentabilidade em todas as vertentes, apresentando uma visão global do país e do mundo.



MEDICINEONE

O QUE ESPERAMOS DE UM MÉDICO?

A TECNOLOGIA É DECISIVA NO COMBATE AO ERRO CLÍNICO E AUMENTO DA SEGURANÇA DOS DOENTES

A

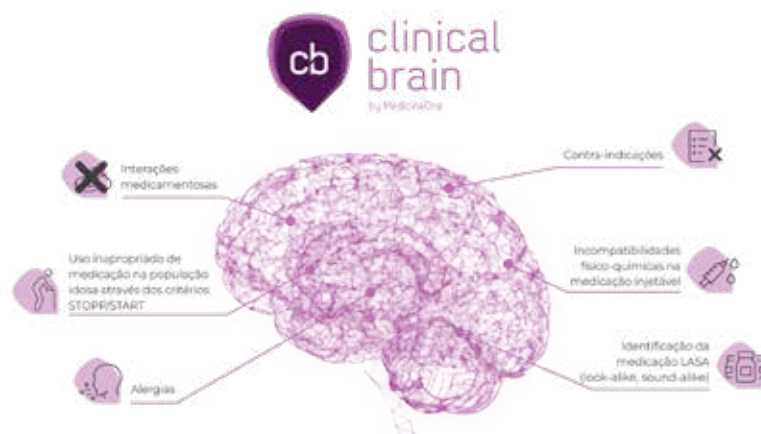
pergunta parece simples e a resposta óbvia, mas não é bem assim. Todos nós, quando procuramos cuidados de saúde, esperamos ser curados. Afinal de contas, o médico é o profissional com a mais longa formação académica da sociedade e a tecnologia a que tem acesso tem evoluído a um ritmo nunca visto. As conquistas científicas das últimas décadas têm permitido controlar ou erradicar doenças que noutros tempos eram fatais. A esperança média de vida cresceu quase 20 anos desde 1960. Por isso, é habitualmente com expectativa elevada que os procuramos.

Apesar de tudo isto, a realidade profissional de um médico é bem mais desafiante do que possamos imaginar. Não há nada mais complexo que o corpo humano e não há duas pessoas iguais. Existem centenas de doenças e cada um de nós pode ter uma ou várias delas. Existem milhares de medicamentos e outras alternativas terapêuticas para cada uma, mas qual será a melhor abordagem para as condições únicas de cada pessoa?

O volume de informação envolvido é tão grande e por vezes a evidência disponível tão escassa que em muitas situações, é difícil ao médico fazer aquilo que esperamos dele. A consequência desta complexidade é que, apesar de todo o seu empenho, o médico está sujeito a cometer erros que podem ter consequências graves ou mesmo fatais.

O PROBLEMA E A SUA DIMENSÃO

Os estudos disponíveis mostram que o erro clínico tem uma dimensão gigantesca em todo o mundo. Apesar de não existirem estudos que incidam es-



pecificamente sobre Portugal, é seguro afirmar que a nossa realidade será muito semelhante à de outros países como os Estados Unidos ou Inglaterra, onde este problema foi bem estudado.

De acordo com o estudo Medical error – the third leading cause of death in the U.S., publicado pela British Medical Journal (BMJ), em 2016, nos Estados Unidos, o erro clínico em todas as suas formas é a terceira causa de morte, sendo responsável por cerca de 250.000 mortes anuais evitáveis.

Em Inglaterra, o estudo Economic analysis of the prevalence and clinical and economic burden of medication error in England, publicado pela BMJ em 2020, estima que anualmente ocorrem cerca de 66 milhões de erros de medicação potencialmente signifi-

cativos em termos clínicos, dando origem a novas hospitalizações que no conjunto somam 181.626 dias e custam 98,5 milhões de libras.

Em Portugal não existem estudos que caracterizem esta realidade. Por isso, se fizermos uma extrapolação destes números para a nossa dimensão, temos que em Portugal o erro clínico em todas as suas formas pode ser responsável por quase 8.000 mortes anuais e por cerca de 9 milhões de erros de prescrição com potencial relevância clínica, dando origem a 32.191 dias de novas hospitalizações.

Não há forma de tornar estes números mais bonitos. São a dura realidade.

EXISTE UMA SOLUÇÃO?

Felizmente, esta realidade não é uma fatalidade. O uso de tecno-



TECNOLOGIA

O CLINICAL BRAIN VAI DISPONIBILIZAR AS SUAS CAPACIDADES TAMBÉM PARA TODOS OS MÉDICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA, FRANCESA E INGLESA. DESTA FORMA, UMA PARTE SIGNIFICATIVA DOS MÉDICOS DO MUNDO PODEM PASSAR A TER ACESSO A SISTEMAS DE APOIO À DECISÃO, SEM TEREM QUE ALTERAR A SUA SOLUÇÃO DE GESTÃO CLÍNICA ACTUAL



» João Miguel Domingos, Chairman & Founder da MedicineOne



logia na prestação de cuidados de saúde é uma constante. Desde o estetoscópio para a realização da simples auscultação pulmonar e cardíaca até à complexa tomografia por emissão de positrões para detecção do cancro (PET), o médico é apoiado por boa tecnologia em todas as tarefas que executa.

É aqui que está a chave para o combate ao erro clínico e aumento da segurança dos doentes. Precisamos dar ao médico boa tecnologia, que atue proativamente no momento da prescrição, que seja capaz de analisar todo o contexto clínico do doente, que o informe dos riscos envolvidos e faça um aconselhamento em conformidade.

Felizmente, essa tecnologia já existe. Não precisa de ser inventada. Está disponível e é capaz de verificar um largo espectro de riscos clínicos como interações entre medicamentos, contraindicações medicamentosas, incompatibilidades físico-químicas, especificidades para a prescrição em idosos, alergias e muito mais.

Até hoje, só uma solução de software disponibilizava este tipo

de sistemas de apoio à decisão em Portugal. O M1, a principal solução de gestão clínica usada na área privada e produzido pela MedicineOne, teve desde a sua origem o seu foco neste tipo de problemas. Os cerca de 15.000 médicos que diariamente usam a solução, já beneficiam deste tipo de ajudas e tiram partido dela de forma muito relevante.

No conjunto destes médicos, só durante o ano de 2022 foram evitados 3,48 milhões de potenciais erros de medicação com significado clínico relevante, que poderiam levar a lesões graves, permanentes ou fatais. Estes erros foram evitados pois no momento da prescrição, o sistema detetou os riscos existentes, informou e aconselhou o médico e este alterou a prescrição em conformidade.

É difícil traduzir estes números dos erros que não aconteceram em vidas salvas, lesões graves evitadas, hospitalizações que não aconteceram e dinheiro poupado. Apesar disso, o conhecimento que temos da realidade refletida nos estudos internacionais, dá-nos



ATÉ HOJE, SÓ UMA SOLUÇÃO DE SOFTWARE DISPONIBILIZAVA ESTE TIPO DE SISTEMAS DE APOIO À DECISÃO EM PORTUGAL. O M1, A PRINCIPAL SOLUÇÃO DE GESTÃO CLÍNICA USADA NA ÁREA PRIVADA E PRODUZIDO PELA MEDICINEONE, TEVE DESDE A SUA ORIGEM O SEU FOCO NESTE TIPO DE PROBLEMAS

a certeza de que este sistema está a fazer toda a diferença na performance clínica de parte dos médicos portugueses.

E PARA OS RESTANTES MÉDICOS?

Se é verdade que cerca de 15.000 médicos em Portugal são apoiados por este sistema com o impacto positivo apresentado antes, é verdade que outros tantos fazem a sua prescrição sem qualquer tipo de apoio deste tipo. Esta realidade é especialmente dramática no SNS, onde por decisão política, só as soluções de software produzidas pelo estado (SPMS) podem ser usadas. Graças a essa decisão, os médicos do SNS não têm acesso a este tipo de tecnologia que pode fazer a diferença entre a vida e a morte.

No entanto, a partir de agora, mesmo para esses médicos, passa a ser tecnicamente possível usufruírem deste tipo de sistemas, mantendo o seu software usado actualmente.

Isso é possível graças a um novo serviço de inteligência clínica residente na cloud, produzido pela MedicineOne. Este sistema chama-se



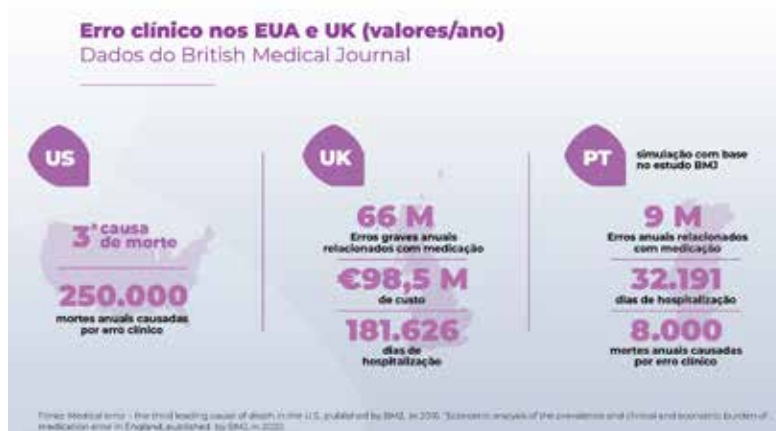
Clinical Brain e permite a integração com todos os sistemas de gestão clínica que suportam a prescrição de medicamentos, adicionando-lhes assim uma camada de segurança aos processos de prescrição.

Este novo serviço trouxe para fora do M1 os sistemas de apoio à decisão que até aqui eram só dele. Com a sua disponibilização através da cloud, todos os softwares clínicos podem passar a tirar partidos dos mecanismos de deteção de erro e a apoiar os seus médicos com os mecanismos há muito disponíveis no M1.

Assim, são criadas condições para que todos os médicos em Portugal passem a usufruir destes apoios à decisão. Na verdade, não são apenas os médicos portugueses que vão poder tirar partido deles. O Clinical Brain vai disponibilizar as suas capacidades também para todos os médicos de língua espanhola, francesa e inglesa. Desta forma, uma parte significativa dos médicos do mundo podem passar a ter acesso a sistemas de apoio à decisão, sem terem que alterar a sua solução de gestão clínica actual.

A MedicineOne, consciente da dimensão do problema do erro clínico, e construindo desde há mais de 30 anos soluções que o mitigam, passará a usar esta solução como uma forma de internacionalizar as suas soluções. Esta abordagem contribuirá assim para o seu crescimento, ao mesmo tempo que entrega valor a populações que de outra forma dificilmente seriam alcançadas. O Clinical Brain é boa tecnologia portuguesa que apoiará médicos

COM A ADOÇÃO DA VBH, O PROBLEMA DO ERRO CLÍNICO GANHA UMA NOVA DIMENSÃO. AOS PROBLEMAS DE SAÚDE, JUNTA-SE O PROBLEMA DE O MÉDICO E A SUA ORGANIZAÇÃO VEREM O SEU PAGAMENTO DIMINUÍDO PELOS ERROS COMETIDOS. ESTA É MAIS UMA FORTE RAZÃO PARA QUE TODOS OS MÉDICOS FAÇAM O SEU TRABALHO APOIADOS POR SISTEMAS QUE OS AJUDEM A DIMINUIR O ERRO CLÍNICO



em todo o mundo na nobre e essencial missão de salvar vidas.

O IMPACTO DO ERRO NAS FINANÇAS DA SAÚDE

Até aqui falámos do impacto do erro clínico na saúde das pessoas, mas precisamos falar também do impacto que ele começará a ter nas finanças da saúde. A saúde tem um modelo de financiamento assente na produção realizada, ou seja, os profissionais de saúde recebem de acordo com o número de consultas, cirurgias ou exames realizados. Não é tida em conta a qualidade dos cuidados prestados, mas apenas a sua quantidade.

Este modelo está esgotado e será progressivamente substituído por um novo modelo de pagamento em que a qualidade dos cuidados prestados será um factor determinante no valor monetário a receber. No novo modelo Value Based Healthcare (VBH), não se pagam consultas ou cirurgias feitas, mas sim doentes curados ou controlados.

Por se tratar de uma revolução no modelo de financiamento, a

VBH tem vindo a ser adotada de forma progressiva. Em Portugal existem já excelentes exemplos da sua adoção que provam que este caminho, que tem na qualidade o factor central, pode e deve ser feito.

Com a adoção da VBH, o problema do erro clínico ganha uma nova dimensão. Aos problemas de saúde, junta-se o problema de o médico e a sua organização verem o seu pagamento diminuído pelos erros cometidos. Esta é mais uma forte razão para que todos os médicos façam o seu trabalho apoiados por sistemas que os ajudem a diminuir o erro clínico.

Em conclusão, podemos afirmar que o erro clínico tem um grande peso na qualidade de vida de todos nós, mas a adoção de boa tecnologia, tem já hoje um efeito relevante na diminuição desse problema. Podemos dizer ainda que essa mesma tecnologia terá também um impacto financeiro positivo quando a Value Based Healthcare se tornar uma realidade a curto prazo. ●



clinical
brain

by MedicineOne

Vamos combater o erro clínico com um cérebro extra

A causa dos erros médicos evitáveis não é a incapacidade dos profissionais, mas sim a enorme complexidade que envolve a prestação de cuidados de saúde. **É por isso que os profissionais precisam do apoio de uma boa tecnologia quando tomam decisões críticas.**

Para ajudar na redução do erro clínico, a MedicineOne criou o **Clinical Brain**, uma plataforma de inteligência clínica no apoio à decisão médica que permite a integração com todos os sistemas de gestão clínica que suportam a prescrição de medicamentos, adicionando-lhes assim uma camada de segurança aos processos de prescrição.

-  **Reduz o erro clínico**
-  **Aumenta a segurança dos médicos e clientes**
-  **Contribui para a constante formação profissional**
-  **Reduz os custos em Saúde**
-  **Incrementa os ganhos de gestão**
-  **Salva vidas!**



Mais informações
e contactos.



ESPECIAL
O MUNDO DA SAÚDE

MULTICARE

CUIDAR DA SAÚDE DOS PORTUGUESES

HÁ 3,4 MILHÕES DE PORTUGUESES COM SEGURO DE SAÚDE, UM NÚMERO QUE TEM CRESCIDO
E QUE AUMENTA A RESPONSABILIDADE DO SECTOR





MEDICINA ONLINE

A MULTICARE CRIOU EM 2016 A MEDICINA ONLINE, A PLATAFORMA DE TELEMEDICINA COM MAIS EXPERIÊNCIA E ABRANGÊNCIA NO MERCADO, QUE DISPONIBILIZA MAIS DE 10 ESPECIALIDADES MÉDICAS, ENTRE OUTROS SERVIÇOS



A

clientes vivam mais e vivam melhor. Em entrevista à Executive Digest, fonte oficial da empresa, explica os principais desafios do futuro.

Multicare tem como missão proteger a saúde dos seus clientes ao longo de toda a sua vida, missão esta que está espelhada numa estratégia focada na qualidade de serviço, na proteção robusta que garanta a participação de cuidados de saúde modernos e de qualidade, e na aposta na prevenção por forma a que os seus

Os seguros de saúde têm um papel de garantir não só o acesso a cuidados de saúde nos prestadores privados como também de promover a prevenção e a literacia da saúde, onde ainda há muito por fazer. Assim, os seguros têm um impacto directo na saúde dos Portugueses, promovendo uma longevidade com melhor qualidade de vida, papel que tem sido reconhecido ao longo das últimas décadas e que sobressai em momento particulares como o período actual.

«Nestes meses pós-pandemia tem sido observado um aumento de diagnósticos tardios que requerem tratamentos mais complexos e prolongados, um retomar do acompanhamento de patologias crónicas com quadros clínicos mais agravados e agudizações mais frequentes da doença, e ainda uma aceleração de cirurgias electivas menos urgentes que foram sendo adiadas e que estão agora a ser realizadas. Por estes motivos, a procura de cuidados de saúde privados tem crescido nos primeiros meses de 2023 e os seguros estão a ter um papel

fundamental para “recuperar” a saúde dos portugueses neste período pós-pandemia», diz fonte oficial da empresa à Executive Digest.

«A Multicare pretende estar presente em todos os momentos da vida dos nossos clientes porque uma melhor saúde “constrói-se” todos os dias», acrescenta o mesmo responsável.

Como forma de assegurar uma longevidade com qualidade e a sustentabilidade do sistema de saúde, a Multicare tem ainda sido pioneira no lançamento de soluções de prevenção ajustadas às necessidades dos portugueses:

está sempre na linha da frente no financiamento da inovação terapêutica, participando cirurgias robóticas, tratamentos oncológicos de ambatório, testes genéticos, cirurgias cardíacas minimamente invasivas, segunda opinião médica com peritos internacionais, apenas para mencionar alguns exemplos. A Multicare tem também investido em patologias importantes para uma longevidade com qualidade como a Saúde Mental, tendo lançado em 2021 uma cobertura pioneira de Saúde Mental.

No pilar da prevenção, a Multicare tem feito um investimento

A MULTICARE ESTÁ ATENTA À EVOLUÇÃO DEMOGRÁFICA E TEM ADOPTADO MEDIDAS QUE PROMOVEM UMA LONGEVIDADE SAUDÁVEL DOS SEUS CLIENTES

Programa Multicare Vitality, Check-up e Medicina Online.

DESAFIOS

O aumento da esperança média de vida traz novos desafios ao sector da Saúde. A Multicare está atenta a esta evolução demográfica e tem adoptado medidas que promovem uma longevidade saudável dos seus clientes. No pilar da proteção robusta, a Multicare tem reforçado os capitais das suas apólices, foi pioneira em 2015 no lançamento do primeiro produto com uma cobertura específica para Oncologia no valor de um milhão de euros, e

estratégico muito significativo pois acredita ser fundamental para garantir qualidade de vida, assim bem como a sustentabilidade financeira do sistema. Para cumprir este propósito é fundamental que a população tenha um estilo de vida saudável, faça o seu rastreio e tenha acesso a cuidados primários e gestione a sua saúde.

Para incentivar a adopção de um estilo de vida mais saudável a Multicare disponibiliza desde 2020 o programa Multicare Vitality que recompensa os clientes que se comprometam com este desígnio, atribuindo mais de 150€



EM 2020, A MULTICARE FOI DISRUPTIVA AO LANÇAR O PROGRAMA MULTICARE VITALITY QUE PROMOVE E RECOMPENSA OS CLIENTES QUE PRATIQUEM ACTIVIDADE FÍSICA E TENHAM HÁBITOS SAUDÁVEIS

MULTICARE VITALITY

É certamente um marco na inovação dos seguros de saúde em Portugal. Pela primeira vez uma seguradora de saúde no mercado português reconhece que um cliente com hábitos de vida saudável terá menor risco de desenvolver doenças crónicas, partilhando esse benefício com os seus clientes. Este programa desafia e motiva os clientes, através de gamificação e incentivos, a adoptarem estilos de vida saudável, quer seja a prática regular de actividade física, a adopção de uma alimentação equilibrada ou o estabelecimento de uma rotina de sono reparadora. Quanto mais comportamentos saudáveis registar na aplicação, mais recompensas pode ganhar. Estas recompensas vão desde vouchers em parceiros do programa (por exemplo Celeiro, cinemas NOS, FNAC, Pingo Doce, Netflix ou Spotify), podendo ascender a mais de 150€ anuais e um desconto no prémio anual do seguro de saúde que pode chegar aos 15%. A receptividade dos clientes tem sido muito positiva, pois valorizam esta relação win-win entre seguradora e cliente, alicerçada no que temos de mais valioso que é a saúde dos nossos clientes e da sociedade portuguesa. Os portugueses estão mais conscientes que precisam de ter um estilo de vida saudável se querem viver mais e melhor, e de que está na sua mão fazer exercício e ter hábitos saudáveis. Acreditamos que os incentivos e gamificação do Multicare Vitality possam assegurar que esses hábitos se mantêm ao longo do tempo e são recompensados no curto prazo através dos incentivos Vitality e no longo prazo através de ganhos em saúde.

em voucher de parceiros e até 15% de desconto no seguro, aos clientes que cumpram as metas de actividade física e evidenciem outros comportamentos saudáveis.

Para promover a realização de rastreios, a Multicare lançou em 2009 os Check-up sem copagamentos nem consumos de capital para os nossos clientes. Em 2020, atualizámos estes check-ups para que os exames e consultas destes rastreios estejam de acordo com a evolução das melhores práticas clínicas internacionais.

Para promover o acesso facilitado e cómodo a cuidados primários de saúde, a Multicare criou em 2016 a Medicina Online, a plataforma de telemedicina com mais experiência e abrangência no mercado, que disponibiliza mais de 10 especialidades médicas, entre outros serviços.

«A Multicare tem trabalhado activamente para encontrar respostas às necessidades de saúde, sempre considerando estes dois pilares de protecção robusta e prevenção, e continuará com esta cultura de inovação nos próximos

anos», sublinha fonte oficial da empresa.

INOVAÇÃO

A inovação está no ADN da Multicare que tem continuamente apostado em coberturas e serviços inovadores na sua oferta. Foram a primeira seguradora a investir na prevenção em 2009, quando lançaram a cobertura de Medicina Preventiva com a inclusão de Check-Ups anuais, sem copagamentos e sem consumos de capital para os seus clientes. «Em 2015 fomos mais uma vez pioneiros na proteção da doença oncológica, com o lançamento do único seguro no mercado com cobertura específica de oncologia com um milhão de euros de capital. Continuámos a inovar quando lançámos a nossa plataforma de Medicina Online em 2016, a primeira em Portugal com médicos disponíveis 24 horas por dia, 7 dias por semana, e que conta hoje com consultas de mais de 10 especialidades médicas e um leque alargado de programas e serviços de prevenção e bem-estar, como por exemplo o Programa Põe-te em Forma que inclui consultas de Nutrição e de avaliação física com Personal Trainers. Desde 2020, alargámos os nossos serviços ao nível da proteção da Saúde Mental com consultas de Psicologia e programas específicos, “Dormir Melhor”, “Gestão de Stress e Ansiedade” e a consulta de Parentalidade», destaca o responsável.



MULTICARE PROTECÇÃO VITAL

OS ADULTOS TÊM UM MILHÃO DE EUROS DE CAPITAL PARA A PATOLOGIA ONCOLÓGICA E AS CRIANÇAS RECEBEM UM SUBSÍDIO MENSAL POR 36 MESES PARA APOIAR A FAMÍLIA NO ACOMPANHAMENTO DESTES CASOS TRATADOS NO SNS



Em 2020, a Multicare foi disruptiva ao lançar o programa Multicare Vitality que promove e recompensa os clientes que pratiquem actividade física e tenham hábitos saudáveis. Em 2021, a Multicare voltou a inovar ao lançar a primeira cobertura compreensiva de Saúde Mental, que abrange a prevenção e o tratamento, com serviços diferenciadores e capitais robustos para internamento e ambulatório, reembolso, inclusivamente, APPs clinicamente validadas pela Ordem dos Psicólogos Portugueses, para além de compartilhar os cuidados habituais como as consultas de Psicologia, entre outros.

«A Multicare continuará seguramente a inovar e a ser pioneira no mercado para se adaptar à evolução das necessidades e expectativas dos clientes, e contribuir de forma cada vez mais proactiva para a saúde e bem-estar dos portugueses», refere.

Por isso, este ano robusteceu o programa Multicare Vitality, incluindo agora novos objectivos de estilos de vida semanais (adicionalmente aos de actividade física) que permitem conhecer melhor os nossos hábitos – como comer de forma mais saudável ou dormir melhor –, obter informação relevante que nos ajude a mudar esses hábitos e por fim receber mais recompensas por isso.

«Na nossa oferta temos também novidades. O produto Multicare Protecção Vital passa a ser mais abrangente, permitindo a inclusão de crianças. Sabendo que não existem cuidados de saúde oncológicos direccionados para crianças no sector

COMO OLHAM PARA O FUTURO DA SAÚDE?

Vemos uma saúde do futuro cada vez mais digital, onde a conveniência e facilidade de acesso aos cuidados será um factor diferenciador e quase inevitável para a sustentabilidade do sector. A telemedicina será fundamental neste caminho de sustentabilidade e continuará certamente o seu caminho de consolidação, após o enorme crescimento que assistimos durante a pandemia. Prevê-se que surjam tecnologias cada vez mais diferenciadora e novos dispositivos que permitam tratamento remoto, como é por exemplo o caso da telefisioterapia, que aliás é já uma realidade. Veremos certamente um maior acompanhamento remoto de doentes, apoiado por dispositivos de controlo de medição de parâmetros relevantes, por exemplo em doentes crónicos, permitindo um controlo mais regular das suas patologias e de uma forma mais confortável para o doente e eficiente para o sistema de saúde. Assim, a telemedicina irá permitir um grande desenvolvimento dos cuidados domiciliários, inclusive da hospitalização domiciliária, existindo hoje alguns exemplos em Portugal.

Espera-se ainda um maior investimento na prevenção e estilos de vida saudáveis que permitam reduzir a espiral de enorme crescimento dos custos de saúde associados à maior longevidade que estamos a assistir. As tecnologias digitais poderão em muito apoiar a melhoria dos estilos de vida da população, através da medição dos hábitos, sugestão de melhoria e recompensa.

O desenvolvimento acelerado da genética e da sua consequente utilização na medicina de precisão serão também promotores desta sustentabilidade do sistema, com maior eficácia nos tratamentos, com menores custos, quer financeiros para quem financia, mas sobretudo com enormes ganhos de saúde para quem deles beneficia. Por fim, os rápidos avanços que assistimos na Inteligência Artificial vão naturalmente ser facilitadores e aceleradores de todas as tendências já mencionadas, quer seja na personalização dos cuidados de acordo com o perfil dos cidadãos (quer genético, de hábitos e de preferências), assim como no próprio desenvolvimento de novas tecnologias e novos tratamentos, por exemplo novos medicamentos, dispositivos médicos ou mesmo técnicas cirúrgicas.



A INOVAÇÃO
ESTÁ NO
ADN DA
MULTICARE
QUE TEM
APOSTADO EM
COBERTURAS
E SERVIÇOS
INOVADORES

privado em Portugal, o apoio da Multicare passa pela atribuição de um subsídio de apoio à doença oncológica, um subsídio mensal por 36 meses atribuído a partir do diagnóstico», afirma o responsável.

Desta forma, a Multicare garante o apoio na doença oncológica para toda a família, reforçando o seu papel enquanto seguradora presente em todos os momentos

da vida dos seus clientes de todas as idades. «A Multicare deseja ainda apoiar a mulher nas diferentes fases da vida e durante o próximo ano pretende focar na fase maternidade, com uma oferta holística e diferenciadora por forma a responder às necessidades específicas da Mulher nesta fase tão desafiante», conclui fonte oficial da empresa. ●



RIGOR E INOVAÇÃO

A NECESSIDADE DE AS ORGANIZAÇÕES INVESTIREM EM FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO EXECUTIVA É FUNDAMENTAL



Torna-se necessário aumentar a consciencialização de que a educação e a formação não terminam quando as pessoas estão a meio da sua carreira profissional, mas tem que ser desenvolvida de forma contínua. Em entrevista à Executive Digest, Filipa Breia da Fonseca, Doutorada em Gestão pela Nova School of Business and Economics e Professora

Adjunta em Gestão e Coordenadora Científica da Pós Graduação de Gestão na Saúde na Nova Executive Education, explica os principais desafios, prioridades

e oportunidades para a formação executiva no sector da Saúde.

Nova SBE Health Economics & Management Knowledge Center é o centro de investigação da Nova SBE nas áreas de Economia da Saúde, Gestão de Saúde, Políticas de Saúde e Saúde Pública. Quais os principais objectivos deste Centro?

O Nova SBE Health Economics & Management Knowledge Center

(NHEM) é uma unidade do centro de investigação da Nova SBE que desenvolve conhecimento para as áreas de economia e gestão da Saúde. Um dos nossos objectivos é produzir investigação para criar e partilhar conhecimento rigoroso, potencializando decisões bem informadas e fundamentadas relativamente a questões de saúde que beneficiem a nossa sociedade.

Nesse sentido, investigamos os aspectos económicos da saúde e da



INVESTIGAÇÃO

O NOVA SBE HEALTH ECONOMICS & MANAGEMENT KNOWLEDGE CENTER (NHEM) É UMA UNIDADE DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO DA NOVA SBE QUE DESENVOLVE CONHECIMENTO PARA AS ÁREAS DE ECONOMIA E GESTÃO DA SAÚDE



doença, os custos e benefícios da prevenção e do tratamento, bem como o desenvolvimento de toda a área operacional e melhoria de processos e de avaliação dos sistemas de saúde. Gostaria ainda de realçar a particular importância em todas as áreas, da existência de rigor e inovação dos métodos de pesquisa e investigação que usamos.

Ao nível de formação executiva, que ofertas gostariam de destacar no sector da Saúde?

A necessidade de as organizações investirem em formação e educação executiva é fundamental. Empresas de todos os quadrantes percebem que para serem eficazes e conseguirem responder aos desafios no ambiente exigente em que vivemos nos dias de hoje, isto é, volátil, incerto, complexo e ambíguo, precisam de ferramentas de liderança e de capacidades organizacionais diferentes daquelas que as ajudaram a ter sucesso no passado.

Há também um crescente reconhecimento que o desenvolvimento destas competências não deve ser restrito aos colaboradores que se encontram nas linhas de comando da organização.

Na saúde, o propósito da formação e da educação contínua é não só melhorar resultados, mas também munir os profissionais com determinadas ferramentas, oferecendo desta forma melhores condições de prevenção e tratamento para o doente.

Será necessário aumentar a consciencialização de que a educação e a formação não terminam quando as pessoas estão a meio da sua car-

reira profissional, mas tem que ser desenvolvida de forma contínua.

Sendo a saúde um dos sectores que está em constante evolução, as tecnologias e procedimentos considerados como melhores práticas hoje podem mudar drasticamente num curto espaço de meses.

Por essa razão, os prestadores de cuidados têm que se manter regularmente actualizados com novas disciplinas, procurando formação executiva que ofereça conhecimento científico, passagem de experiência executiva dos docentes, bem como técnicas e metodologias que expandam os seus conhecimentos e áreas de especialidade. A Pós-graduação em Gestão na Saúde da Nova Executive Education oferece todas estas competências.

Como é que esta pós-graduação se diferencia da concorrência?

Defende-se muitas vezes que os programas tradicionais de formação já não preparam os executivos da maneira mais adequada para os desafios que enfrentam hoje e no futuro. Actualmente as organizações procuram que os programas respondam de forma holística, exigindo competências não só na área da economia e gestão da saúde, mas também em áreas organizacionais e operacionais, tais como value based healthcare, segurança, digital, health technology assesment, que são necessárias para liderar uma colaboração coerente e proactiva. A jornada formativa que oferecemos na Nova Executive Education foi desenvolvida com base nos pro-

gramas oferecidos pelas business schools internacionais. A mesma é oferecida em formato híbrido e o foco da mesma desenvolve-se em 3 grandes áreas: estratégia, performance e inovação. Além disso, os alunos desenvolvem ao longo deste curso executivo desafios estratégicos em equipa, isto é, projectos em organizações de saúde, no intuito de desenvolver soluções para problemas específicos que inclusivamente muitos deles têm até na sua própria organização. Alguns destes projectos têm origem nos desafios estratégicos e estão hoje em dia a funcionar com sucesso em algumas organizações de saúde, públicas e privadas.

NA SAÚDE, O PROPÓSITO DA FORMAÇÃO E DA EDUCAÇÃO CONTÍNUA É NÃO SÓ MELHORAR RESULTADOS, MAS TAMBÉM MUNIR OS PROFISSIONAIS COM DETERMINADAS FERRAMENTAS

O número de formandos interessados na área da Saúde tem vindo a aumentar? Porque razões? Quem são?

Temos tido muita procura do curso desde a sua primeira edição e um número crescente de alunos desde essa altura. A credibilidade, qualidade e experiência do corpo docente e da jornada formativa que é oferecida tem-nos mostrado que existe uma procura activa desta



formação pelas mais diversas áreas dos profissionais de saúde, isto é médicos (das mais variadas especialidades), médicos dentistas, farmacêuticos, enfermeiros, psicólogos e gestores em saúde, do sector público e no privado.

Penso que cada vez mais há uma necessidade premente que leva os profissionais de saúde a quererem desenvolver competências em gestão.

Apesar da existência da proliferação de plataformas colaborativas para resolução de problemas e adocracias digitais que incentivam a iniciativa da resolução de problemas de uma forma individual, as organizações esperam cada vez mais que os colaboradores, independente do departamento em que desenvolvem a sua área de actividade, tomem cada vez mais decisões importantes e que se alinhem com a estratégia global e com a cultura da organização. Nesse sentido, torna-se importante que gestores de saúde e líderes estejam munidos de competências e talentos relacionados com todos estes temas da gestão.

Quais os contributos que a Nova SBE pretende dar para o sector da Saúde em Portugal? Quais as principais prioridades para o próximo biénio?

Principalmente, contribuámos para a disseminação de conhecimento e formação científica e executiva. Os programas de educação e formação precisam de transmitir conhecimento da forma mais actual possível, de maneira a que os profissionais de



TORNA-SE
IMPORTANTE
QUE GESTORES
DE SAÚDE
E LÍDERES
ESTEJAM
MUNIDOS DE
COMPETÊNCIAS
E TALENTOS
RELACIONADOS
COM TODOS
ESTES TEMAS DA
GESTÃO

» Filipa Breia da Fonseca, Doutorada
em Gestão pela Nova School
of Business

saúde possam usá-lo e aplicá-lo para tomar melhores decisões em saúde. O ensino de casos com exemplos concretos, que possam ser aplicados a situações do dia a dia, o desenvolvimento de programas de “aprendizagem de acção” que envolvam discussões de casos baseados em experiências, factos concretos e oportunidades personalizadas para resolver problemas da vida real serão boas práticas de aplicação no presente e no futuro.

Quanto às prioridades, de acordo com a nossa experiência e com base nos estudos que temos vindo a desenvolver no terreno, temos constatado que em Portugal, e na área da saúde em particular, existem muitos problemas estruturais. Além disso, existe um conjunto de problemas sérios no Serviço Nacional de Saúde, nomeadamente no que diz respeito ao financiamento, à gestão, ao investimento, acesso aos cuidados e aos recursos humanos.

Penso que a principal prioridade, e um dos principais desafios para o próximo biénio na área da saúde, será a gestão de recursos humanos. Se não se investir nas pessoas, as instituições médicas correm o risco de perder os seus especialistas para outros empregadores, nacionais e internacionais. A perda de valiosos ganhos de conhecimento pode ainda levar ao uso ineficiente do



sistema, e consequentemente a pacientes insatisfeitos.

Além disso, existe ainda a falta de uma cultura de exigência, reconhecimento e premiação, não se valorizando o desempenho dos colaboradores.

Na vossa opinião, como se avizinha o futuro da Saúde em Portugal?

Penso que a falta de uma cultura de exigência, reconhecimento e premiação, que culmina na desvalorização do desempenho dos colaboradores, como já frisei anteriormente, pode levar a vários problemas no sector da Saúde em Portugal. O Sistema Nacional de Saúde está já a enfrentar situações desafiantes e a tendência é um fortalecimento do sector privado, face aos desafios apresentados no sector público. Se queremos inverter a tendência, é necessário focar-nos nos desafios e tentar encontrar soluções viáveis, educação e formação podem fazer parte destas respostas. ●

PÓS-GRADUAÇÃO
EM GESTÃO
NA SAÚDE

Competências de gestão e liderança para um sistema de saúde sustentável

› Programa Creditado pela Ordem dos Farmacêuticos

› Mencionar Rankings Financial Times 2023

› Programa Reconhecido pela Ordem dos Médicos



CARCAVELOS, PORTUGAL

